


A TÉCNICA COMO UTOPIA E IDEOLOGIA: UMA LEITURA DA NOVA ATLÂNTIDA DE BACON

Hugo Estevam Moraes de Sousa¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

 <https://orcid.org/0009-0002-3574-7879>

E-mail: hestevam@gmail.com

RESUMO:

O presente artigo pretende discutir a técnica em sua perspectiva utópica e ideológica a partir da obra Nova Atlântida de Francis Bacon. Em um primeiro momento, será necessário estabelecer conceitualmente o significado de utopia e ideologia, sendo o pensamento de Paul Ricoeur a base teórica para tal. Enquanto a primeira se caracteriza por operar uma crítica à ordem estabelecida, a ideologia se propõe a manter um *status quo*. Deste ponto, será possível iniciar uma análise da obra de Bacon, percebendo nela o caráter utópico da técnica e de que modo ela se converte em ideologia quando assume um papel nas relações de poder e na legitimação da autoridade. Observando as tendências que tentam substituir a política e a ética pela técnica, como faz o transumanismo, o artigo conclui que é necessário fortalecer as relações de poder em sua horizontalidade para garantir que a técnica não se converta em instrumento de opressão.

PALAVRAS-CHAVE: Utopia; Ideologia; Técnica; Ciência; Poder.

TECHNIQUE AS UTOPIA AND IDEOLOGY: A READING OF BACON'S NEW ATLANTIS

ABSTRACT:

This paper aims to discuss technique as utopia and ideology based on Bacon's New Atlantis. First, it will be necessary to establish the meaning of utopia and ideology. The philosophical thought of Paul Ricoeur is the theoretical basis. On the one hand, Utopia is characterized by a critique of establishment and proposes other ways of exercising power. On the other hand, ideology intends to maintain a *status quo*. Thus, it will be possible to analyze Bacon's New Atlantis, regarding on it the technique as utopia and how it becomes ideology when it assumes a role on power and authority legitimation. Considering the trends that try to replace politics and ethics by technique, like transhumanism, this paper concludes that it is necessary to strengthen horizontal power to ensure that technology does not become an instrument of oppression.

KEYWORDS: Utopia; Ideology; Technique; Science; Power.

¹ Doutor(a) em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro – RJ, Brasil.

Em 1932, Aldous Huxley publicou a sua obra *Brave New World*, traduzida para o português por *Admirável Mundo Novo* [2001], uma distopia científica que tem como elemento central o controle dos indivíduos a partir da manipulação genética e por meio de outros instrumentos técnicos que lhes fornecem a sensação de uma felicidade. Logo no início da obra, Huxley descreve um ambiente que corresponde a um laboratório, onde há a utilização de uma técnica de reprodução apelidada de Processo Bokanovsky, que realiza a produção em série de embriões a partir de um único óvulo, permitindo uma padronização que levaria à estabilidade social. A descrição feita por Huxley, aos olhos do leitor dos tempos atuais, lembra técnicas de manipulação genética ou de reprodução humana já existentes, ainda que estejam longe de ser o universo descrito pelo autor. Por exemplo, já existem técnicas de edição de DNA humano *in vitro*, como é o caso do CRISPR-Cas².

Se este mundo apresentado por Huxley causa assombro a alguns, não custa lembrar de mais uma obra de ficção que, desta vez, expõe situações que já podem ser verificadas no tempo presente. *2001: Uma Odisseia no espaço*, de Stanley Kubrick, lançado em 1968 em meio ao movimento de corrida espacial entre EUA e União Soviética. No filme, o espectador poderá acompanhar o sistema de inteligência artificial *Hal 9000*, que comanda a nave *Discovery One*, e tem como objetivo levá-la ao planeta Júpiter. Ao longo da viagem, o computador comete um erro ao comunicar que uma suposta peça deveria ser trocada. Os astronautas a bordo, percebendo que a AI tinha se equivocado, decidiram reiniciar o sistema para que voltasse à configuração original. Estando isolados quando tomaram esta resolução, a máquina não podia escutá-los, mas conseguiu ler os seus lábios e tomou ciência da situação. Foi quando decidiu matar a tripulação para atingir o seu objetivo final de chegar ao planeta Júpiter.

Situação semelhante circulou recentemente em algumas notícias sobre sistemas de inteligência artificial que teriam fugido do controle. Serão destacadas duas. A primeira seria sobre um exercício de simulação militar nos EUA em que um drone autônomo decidiu matar o operador, uma vez que ele teria se tornado um obstáculo no cumprimento do objetivo para o qual a máquina fora programada³. A Força Aérea dos EUA nega a informação⁴. A outra notícia seria a influência que um sistema de inteligência artificial, através de um chatbot, exerceu na decisão de um rapaz na Bélgica em se suicidar. Segundo a viúva, o marido teria desenvolvido uma ansiedade com os problemas climáticos e começou a conversar sobre o tema com o robô. Depois de algumas semanas, ele começou a manifestar ideias suicidas, o que foi incentivado pelo sistema, que chegou ao ponto de dizer que sua esposa e filhos estariam mortos⁵.

Tanto a obra de Huxley, quanto a produção de Kubrick, trabalham as potencialidades da capacidade humana de reprodução e manipulação dos fenômenos da natureza através de instrumentos técnicos. Como todos obviamente têm clareza, isso não seria possível sem a ciência experimental. Huxley e Kubrick têm em vista explorar os limites da mesma, i.e., aquele lugar em que a reprodução dos fenômenos e o controle da natureza se converte em controle populacional por parte daqueles que detêm o saber. Kubrick, em especial, explora como a pretensão de manipulação da natureza pode fugir completamente do controle humano em relações de causa e

² Faria, Ágatha. *CRISPR/CAS9: edição do DNA e o tratamento de doenças*. Disponível em <https://blog.mendelics.com.br/crispr-cas9-edicao-do-dna-e-o-tratamento-de-doencas/>, acessado em 16/06/2023

³ *Drone Comandado Por Inteligência Artificial Mata Operador Durante Simulação nos EUA*. O Globo. Rio de Janeiro: 2/06/2023. Disponível em <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/06/drone-comandado-por-inteligencia-artificial-mata-operador-durante-simulacao-nos-eua.ghtml>, acessado em 15/06/2023 às 22h30.

⁴ *US air force denies running simulation in which AI drone 'killed' operator*. The Guardian. Londres: 2/06/2023. Disponível em <https://www.theguardian.com/us-news/2023/jun/01/us-military-drone-ai-killed-operator-simulated-test>, acessado em 15/06/2023 às 22h35.

⁵ *Inteligência artificial é suspeita de ter incentivado homem a cometer suicídio na Bélgica*. Radio France Internationale. 31/03/2023. Disponível em <https://www.rfi.fr/br/europa/20230331-intelig%C3%A2ncia-artificial-%C3%A9-suspeita-de-ter-incentivado-homem-a-cometer-suic%C3%ADdio-na-b%C3%A9lgica>, acessado em 15/06/2023 às 22h48

efeito até então não previstas. Aliás, ainda que não seja uma distopia tal qual *Admirável Mundo Novo*, 2001: *Uma Odisseia no Espaço* introduz uma discussão que pode, sim, conduzir a uma realidade distópica se for cogitada a hipótese de máquinas controlarem o ser humano.

Ora, se os limites da ciência experimental orientada para a técnica como instrumento de reprodução dos fenômenos aparecem aqui como distopia, em suas origens elas são eivadas de um caráter utópico. É o que pode ser verificado a partir da leitura do pensamento de Francis Bacon, em especial a sua obra *Nova Atlântida* [2008], onde o projeto baconiano de reforma da ciência aparece retratado em uma sociedade em que o ser humano seria capaz de ler o livro da natureza e se libertar de sua sujeição.

O ponto de interesse do presente escrito se encontra aqui. Se a tecnologia que resulta da ciência experimental pode introduzir realidades de opressão, talvez seja válido retornar às origens utópicas da ciência moderna, a fim de se tentar identificar elementos que possam clarificar a crise que se desenha no tempo presente, onde notícias e situações que se aproximam de distopias parecem se impor como padrão nas relações humanas. Aliás, se a tecnologia pode se converter em instrumento de manutenção de opressão, talvez ela tenha um caráter ideológico. Neste sentido, a intenção é observar as bases ou mesmo contradições na utopia que funda a ciência moderna, especificamente o relato de Bacon na *Nova Atlântida* [2008], para pensar as contradições atuais e se fazer uma crítica madura à técnica.

Este trabalho corresponde a um estudo inicial que tenta retornar à utopia baconiana, projeto este que funda o que se conhece por modernidade, pois introduz na história do pensamento a ideia de que seria possível reproduzir e controlar os fenômenos da natureza, maneira esta como se desenvolveu a ciência e a técnica desde então. Será necessário, não obstante, fazer uma delimitação do conceito de utopia, termo este utilizado atualmente de maneira descuidada. Entendendo o que é uma utopia, é possível compreender a própria noção de ideologia, o que possibilita esta crítica à técnica. Para tanto, auxiliará o pensamento de Paul Ricoeur, uma vez que o filósofo, ao recorrer a um estudo sobre figuras de linguagens para construir o conceito, amplia a possibilidade interpretativa das imagens utópicas e ideológicas.

Utopia enquanto conceito

Talvez o ponto de partida para se construir o conceito de utopia seja o próprio significado da palavra. Sendo proveniente do grego *ou-topia*, significa o não-lugar (*ou*, que corresponde ao advérbio grego de negação “não” e *tópos*, que significa lugar). Trata-se de um neologismo que aparece pela primeira vez em Thomas More, que escreveu uma obra que recebe o título do termo que ele cunhou. A palavra consegue reunir em torno de si duas ideias opostas: um lugar que é um não-lugar. O senso comum diria “um lugar que não existe”, entendendo nesta afirmação a impossibilidade de concretização da realidade utópica. Ainda que não esteja em todo equivocada esta percepção, talvez seja interessante explorar as várias possibilidades de pensamento que a ideia de “não-lugar” transmite.

Em *L'utopie et les utopies* [Ruyer, 1950], uma obra que será importante para Ricoeur construir o conceito de utopia, Raymond Ruyer desenvolve uma discussão em torno da função de uma utopia: explorar as “possibilidades laterais do real” [Ruyer, 1950, p.9, trad. nossa]. A compreensão aqui envolve a ideia de uma linha reta que ligaria um ponto A e B estabelecidos em um determinado lugar. Isso não significa, porém, que a única maneira de se chegar de um até o outro seja percorrendo esta linha. Existem outras possibilidades laterais a serem exploradas que permitiriam sair de um em direção ao outro. Assim sendo, ainda que elas não sejam visíveis ou mesmo conhecidas, elas estão em um lugar lateral.

Deste modo, observando com mais cautela a ideia de um lugar que é um não-lugar, é interessante considerar que as possibilidades laterais a que Ruyer se refere têm um lugar específico, por estarem na lateralidade da linha reta, mas são um não-lugar por ainda não terem sido exploradas. No fundo, se está lidando aqui com a dimensão da potencialidade que é inerente a estas possibilidades laterais à linha reta. Ricoeur irá desenvolver o seu conceito de utopia a partir deste avanço de Ruyer, encontrando na imaginação o caminho para se explorar as possibilidades laterais.

Em seu artigo *Cinco Lições: da linguagem à imagem* [Ricoeur, 2013], Ricoeur resgata na tradição filosófica as discussões da imaginação em suas dimensões reprodutora e produtora. No que tange à primeira, há uma noção básica de que existiria uma imagem dita real e outra que seria cópia da realidade. Assim sendo, a imaginação atuaria como mera reprodução da realidade, i.e., de uma imagem real através de uma cópia. Em Aristóteles, autor este que Ricoeur retorna em sua leitura, a imaginação teria um caráter intermediário entre a sensação e o intelecto. Isso ocorre porque aquilo que é produzido pela imaginação (ou fantasia, se for observado o termo grego) se parece com a sensação, ainda que não possa ser equiparado a ela. Por outro lado, seria pré-conceitual em relação ao pensamento discursivo, já que um juízo envolve a evocação de imagens oriundas da fantasia, ainda que elas não sejam conceitos.

A imaginação produtora, por sua vez, tem raízes na tradição kantiana. Ela aparece em sua função mediadora, realizando a síntese dos dados advindos da sensibilidade no entendimento a partir do esquematismo, um produto *a priori* da imaginação que medeia entre os conceitos e os dados provenientes da sensibilidade. Está se tratando, aqui, de uma representação *original* do objeto antes da experiência. É nos conceitos puros do entendimento, ou seja, nas categorias, que os objetos da experiência são estruturados e ordenados. Trata-se de uma mediação entre a universalidade conceitual e a particularidade dos objetos na sensibilidade.

É no âmbito das discussões de Kant sobre estética, porém, que a função produtora da imaginação terá um papel que interessa para o presente artigo. Dá-se o enfoque à capacidade do gênio de inventar a obra de arte quando a imaginação tem um papel fundamental em sua dimensão produtora, atuando através de um jogo livre das faculdades em que almeja o universal dos objetos da razão, dando-lhes uma figuração ou modelo - *darstellung*. Todavia, por causa das ideias da razão, pretendendo-se como universais últimos da realidade e, por isso, poderem ser somente pensadas por estarem além da experiência possível, o gênio somente pode torná-las intuitivas através da obra de arte.

É reunindo estas duas tradições que Ricoeur trabalhará a imaginação a partir da linguagem metafórica. A produção de uma metáfora envolve a capacidade de ver a semelhança entre dois dessemelhantes, conforme a tradição aristotélica já observava. Neste sentido, tendo ela um papel de transmitir informações não traduzíveis, uma das peculiaridades da metáfora é a produção de imagens nesta relação de semelhança entre dois dessemelhantes, visando dar algum entendimento a uma dada realidade. A imaginação possui, assim, um papel semântico.

Ora, a metáfora atua em toda a proposição e não entre duas palavras que se referem a objetos dessemelhantes. Para tanto, a semelhança advém através de uma associação predicativa entre um sujeito base e o seu respectivo predicativo. O verbo que realiza o papel de cópula tem a mera função de assimilação, não fornecendo qualquer atributo ou determinação do objeto de onde provém a predicação. Deste modo, para a compreensão da metáfora ocorrer, o verbo ser precisa ser lido no sentido de “é como”. É isso que realizará a saída da compreensão literal e introduzirá a imagem, transformada, agora, em linguagem. Por exemplo, a frase “seus olhos são de rressaca”, que pode ser elaborada a partir do título de um famoso capítulo da obra *Dom Casmurro*⁶, de

⁶ O título do capítulo é “Olhos de Rressaca”

Machado de Assis, precisa ser lida “seus olhos são como de ressaca”. A introdução da cópula permite entender que dois dessemelhantes, olhos e ressaca, transmite a imagem de olhos tomados de lágrimas, à semelhança da ressaca do mar. É neste ponto que atua a imaginação em sua dimensão produtiva, ao estabelecer uma reaproximação que permite ver o mesmo entre os dois dessemelhantes que foram ligados pela cópula. Não obstante, a incompatibilidade literal precisa permanecer para que haja uma compatibilidade semântica. Somente assim ocorre uma metáfora. Nas palavras de Ricoeur:

Para que haja metáfora efetivamente é preciso que eu continue a perceber a incompatibilidade literal através da nova compatibilidade semântica. A assimilação predicativa contém essa tensão que não se dá mais entre sujeito e predicado apenas, mas entre a não-pertinência anterior e a nova pertinência semântica. O ser distanciado persiste no ser próximo. [Ricoeur, 2013, p. 33]

É interessante observar o quanto a atuação da imaginação na construção da metáfora agrega dois aspectos à informação. Primeiramente, o caráter ficcional, uma vez que a imagem produzida, oriunda da imaginação produtora, não existe na realidade. Afinal, a figura “olhos de ressaca”, para tomar o exemplo apresentado, não existe na realidade vivida. Não obstante, esta imagem não apenas é compreendida pelo ouvinte, mas, considerando o texto literário onde ela se encontra, dá uma inteligibilidade a toda a situação que está sendo apresentada na obra, inserindo o leitor em uma série de sentimentos e angústias vividas pelos personagens⁷. Se a compreensão ocorre, é porque há a evocação de uma quase presença de sensações e objetos ausentes, o que daria sentido a esta imagem irreal. Ora, se está, aqui, diante da atuação da imaginação em sua função reprodutora. Neste sentido, a metáfora é aquela figura de linguagem que exige da imaginação uma atuação produtora, criando novas imagens, mas também reprodutora.

Para Ricoeur, uma utopia é uma ficção – “o tipo de neutralização que constitui a imaginação como ficção se elabora na utopia” [Ricoeur, 2015, p. 33]. Seria plausível, então, entendê-la como uma metáfora que permite explorar as possibilidades laterais do real. Assim sendo, retomando a noção de Ruyer apresentada anteriormente, o ponto A corresponde a um ponto de partida, a reta a realidade e B um fim a se chegar. As possibilidades laterais são alternativas que se dão em potência e, para serem desvendadas, é mister o exercício da imaginação. Ricoeur encontrará aí a função da utopia: “essa função da utopia é finalmente a do ‘lugar nenhum’” [Ricoeur, 2015, p. 362]. Neste sentido, a metáfora da utopia seria a do lugar nenhum. No fundo se está tratando aqui a nível de projeto que, sim, é imaginário, mas tem em vista um outro tipo de sociedade.

Tratar de utopia passa por uma dimensão epistemológica, pois, na medida em que a metáfora utópica do lugar nenhum propõe outras possibilidades que sejam laterais, ela fornece um conhecimento da própria sociedade: as suas mazelas, seus aspectos problemáticos, dinâmicas de opressão, de violência, e tudo aquilo que pode ser submetido a um exame reflexivo. Deste modo, a imaginação na mentalidade utópica se propõe a repensar uma determinada sociedade. Sim, o pensamento utópico é ficcional. Todavia, diferente do que se costuma defender ao declarar que utopia e conhecimento estariam em polos opostos, o conceito construído por Ricoeur demonstra que não: utopia e conhecimento caminham juntos na medida em que a mentalidade utópica tem uma capacidade de revelar aquilo que está encoberto, ou seja, o que está mascarado pelo ideológico. É válido, então, reforçar, caso não se tenha ainda clareza, que discutir o conceito de utopia significa adentrar a seara da filosofia política.

⁷ Talvez este aspecto revele o quanto a imaginação produtora que Ricoeur apresenta é extremamente próxima a Kant, uma vez que a metáfora permite um literata ou um poeta atuar tal qual o gênio e construir imagens que tornem intuitivos determinados objetos da razão.

Ricoeur indica que a “utopia aparece como a função de subversão social” [Ricoeur, 1976, p.25, trad. nossa]. Isso ocorre em razão de um dado *status quo* que é mantido a partir da ideologia. Ricoeur entende esta última como tendo uma função positiva e negativa. Em termos gerais, o autor francês tem presente a concepção que Karl Mannheim estabelece em *Ideologia e Utopia* [1986], caracterizando a ideologia como um pensamento discrepante da realidade, de maneira a encobrir ou mesmo distorcer situações reais. A discrepância pode se dar tanto a nível particular, atuando em um nível psicológico de um indivíduo, ou total, quando envolve um grupo histórico-social. Ricoeur olhará este nível da discrepância valorizando, mais uma vez, o papel que a imaginação exerce.

O autor chama a atenção para o fato de que a ideologia, assim como a utopia, não pode ser compreendida de maneira literal, uma vez que ela é uma produção de metáforas. Se, por um lado, ela tem um papel de mascarar uma realidade, atuando no campo de distorção do real a fim de manter uma ordem estabelecida, por outro a ideologia tem a sua função positiva ao conceder identidade, ou seja, integração a um grupo no espaço e no tempo. Também aqui ela se pretende enquanto mantenedora do *status quo*, principalmente porque é a partir desta função positiva que ocorre a legitimação da autoridade em uma relação de poder a partir de uma padronização por meio da linguagem figurada. Há uma estrutura simbólica da ação que permite o reconhecimento entre os mais diversos grupos histórico-sociais envolvidos até mesmo em um embate político.

Ao discutir o pensamento de Geertz, Ricoeur fará em *Ideologia e Utopia* [2015] referência a situações bem hodiernas que ilustram este cenário: ideias como identidade nacional, povo, legitimidade de leis ou acontecimentos fundadores de grupos possibilitam a integração dos setores submissos com os dominantes.

Outro elemento positivo concernente à ideologia como integração é que ela é portadora da integração de um grupo não somente no espaço, mas também no tempo. A ideologia funciona não somente na dimensão sincrônica como na dimensão diacrônica. Neste último caso, a memória dos acontecimentos fundadores do grupo é um ato essencialmente ideológico. Tem-se a repetição da origem. Com tal repetição começam todos os processos ideológicos no sentido patológico, pois uma comemoração segunda assume o caráter de uma reificação. [...] Os franceses celebram a tomada da Bastilha, e os Estados Unidos, o 4 de julho. Em Moscou, todo um sistema político estava fundamentado no túmulo, o de Lênin: talvez seja um dos únicos caso na história, depois dos egípcios, em que um túmulo era a fonte de um sistema político. Essa memória permanente dos homens e dos acontecimentos fundadores é, portanto, uma estrutura ideológica que pode funcionar positivamente como estrutura de integração. [Ricoeur, 2015, p. 307]

Esta observação já esclarece o quanto que para a construção do conceito de utopia, a discussão sobre ideologia se faz necessária. Porém, não é apenas na subversão que se estabelece a diferença entre ideologia e utopia. Afinal, ambas guardam grande afinidade, uma vez que se manifestam enquanto linguagem metafórica a partir de uma atuação da imaginação. A diferença está também no aspecto temporal. A ideologia atua dentro de um passado-presente e, por isso, ela tem o seu papel de manutenção. Por sua vez, a utopia age em um presente-futuro. Neste sentido, talvez seja interessante notar que, neste aspecto temporal, a utopia se constrói enquanto *projeto* com pretensões de superar relações de poder tidas como injustas. A imaginação, ao construir a metáfora do lugar nenhum que é própria da mentalidade utópica, busca no *projeto* outras maneiras de exercício do poder diferentes daquela que legitima a autoridade. Em outras palavras, uma utopia não é mera insatisfação ou contestação de uma situação dada. Ela apresenta, através da metáfora, um outro modelo de sociedade e relações de poder em substituição àquela legitimada pela ideologia, esta última entendida tanto em seu sentido negativo, quando produz a distorção e mascaramento, quanto positivo, ao fornecer identidade.

A utopia técnico-científica baconiana

Tendo estabelecido que a mentalidade utópica se dá enquanto ficção que apresenta possibilidades laterais ao exercício do poder, cabe observar em que aspectos a obra *Nova Atlântida* [2008b] de Bacon poderia se enquadrar dentro de uma perspectiva utópica. Para tanto, será válido retomar o altíssimo nível de conhecimento da ilha de Bensalém, região imaginária onde se passa a narrativa do autor, e qual o seu papel nas instituições políticas.

Os avanços no conhecimento científico de Bensalém são principalmente relatados em torno da narrativa sobre a *Casa de Salomão*, realizada pelo Pai da própria Casa. As referências permitem compreender que o espaço corresponde a um local para aprofundar o conhecimento onde o método baconiano é colocado em prática. Desta forma, o leitor do tempo presente pode ficar com a impressão de estar diante da representação do que seria um centro de pesquisa semelhante aos existentes nos tempos atuais, com os seus respectivos laboratórios. Isso não é mera coincidência, uma vez que a prática ali realizada gira em torno de métodos próprios da ciência experimental. Além disso, a centralidade que a *Casa de Salomão* possui mostra uma proeminência que a coloca em condição superior na ilha, a ponto de existir segredos que nem mesmo o governador tem acesso. O leitor encontra-se, aqui, diante de uma percepção da ciência enquanto instrumento nas relações de poder.

Antes de aprofundar a ligação entre ciência e poder, seria interessante abordar sobre o embrião da ciência experimental presente no trabalho de Bacon. Uma passagem em especial ajudará bastante na compreensão:

Temos também parques e cercados com todas as espécies de animais e aves, que usamos não apenas para observar e por razões de curiosidade, mas igualmente para efectuar dissecações e experiências; a fim de podermos obter luz sobre o que pode ser feito no corpo humano. Aí descobrimos muitos efeitos estranhos, como, por exemplo, a continuação da vida, mesmo que algumas partes, por vós consideradas vitais, estejam mortas e tenham sido removidas, a ressurreição de alguns que, segundo todas as aparências, estão mortos; e outros semelhantes. Também experimentamos neles todos os venenos e outros remédios, assim como operações cirúrgicas e medicinais. Ainda pela arte, tornamo-los maiores ou mais altos do que os da sua espécie; e, ao contrário, tornamo-los mais pequenos e travamos o seu crescimento; tornamo-los mais frutuosos e procriadores do que os da sua espécie; e, ao contrário, estéreis e não procriadores. Também os tornamos diferentes de muitos modos na cor, na forma, na actividade. Descobrimos meios de fazer misturas e cruzamentos de diferentes tipos, que produziram muitas espécies novas e que, ao contrário da opinião geral, não são estéreis. A partir da putrefacção obtemos um certo número de espécies de serpentes, vermes, moscas, peixes, alguns dos quais, sendo preparados para o efeito, se tornam criaturas perfeitas, como os animais e os pássaros; e têm sexos e reproduzem-se. *Nada disso é feito ao acaso, mas sabemos de antemão de que matéria e cruzamento resultarão as várias espécies de criaturas.* [Bacon, 2008b, p. 95]

Uma das características que marcam a revolução científica é o surgimento da ciência experimental. Esta qualifica-se por possuir um fundamento metódico que tem por base a artificialidade da experiência, ou seja, a observação de como se comporta a natureza em condições não observáveis, o que se dá pela intervenção humana criando tais condições. A passagem ilustra bem a ciência experimental, uma vez que traz a exemplificação de como seria submeter determinadas partes da natureza em experiências para além daquelas que são verificadas sem a intervenção humana. No caso, a utilização de animais como instrumentos de pesquisa (o que recorda muito ambientes de laboratório dos tempos atuais), sendo expostos a cruzamentos e misturas não antes vistas, bem como a medicamentos ou outros compostos, indicam este caráter artificial que é próprio da ciência experimental.

Paolo Rossi em sua obra *A Ciência e a Filosofia dos Modernos* [1992] recorda que, em contraposição ao método de Bacon e de Galileu, que estão na raiz da revolução científica, o método aristotélico era o melhor aceito pela tradição, sendo, por isso, considerado a base confiável para o conhecimento. Deste modo, a experiência cumpria um papel totalmente distinto daquele que a nascente ciência experimental apresentava. No método aristotélico, a experiência se prestava muito mais a *exemplificar* ou ilustrar teorias extraídas da observação da natureza em seu estado espontâneo, ou seja, sem ser submetida a condições que somente seriam possíveis com a intervenção humana. Por outro lado, a experiência na ciência experimental se volta a verificar ou invalidar teorias. Por isso o destaque feito em itálico na citação apresentada: a partir da experimentação é possível conhecer relações causais de maneira a iniciar processos artificialmente, ou seja, com a intervenção humana e sem qualquer acaso.

Importante ter em mente que este novo modo de produzir conhecimento pressupõe que os fenômenos com os quais experienciamos decorrem de processos que têm o seu início em um nível inacessível aos sentidos e, por isso, se faz necessária a utilização de instrumentos que permitam colocar o sujeito em um patamar mais apurado de observação. Talvez um bom exemplo seja o telescópio de Galileu, que permitiu ampliar o horizonte daquilo que se conhecia até então como céu, levando à descoberta de novas estrelas e estruturas que, mais à frente, serviram para uma compreensão mais clara do funcionamento do sistema solar. O que a tendência da revolução científica e o advento da ciência experimental permitiu foi o desenvolvimento daquilo que, hoje, se conhece por tecnologia.

Tecnologia é uma criação essencialmente moderna⁸. Caracteriza-se por ser a união entre técnica (entendida esta enquanto arte mecânica) e o logos ou a razão científica tal qual compreendida a partir do advento da revolução científica: um conhecimento dotado de uma linguagem rigorosa que visa formular as leis que regem os fenômenos, leis estas que podem não apenas descrevê-los, mas também são verificáveis e comprovadas por meio da experimentação e da observação, bem como permitem realizar previsões de experiências futuras que se enquadrem dentro destas leis. Desta forma, é possível afirmar que a partir da razão científica há uma racionalização metódica da técnica tendo em vista (1) a aplicação destas leis que regem os fenômenos para o desenvolvimento e aprimoramento de aparatos técnicos; (2) ter acesso a processos inacessíveis aos sentidos para conhecer as leis que regem os fenômenos e reproduzi-los artificialmente, de maneira a controlar ou dominar a natureza. Neste sentido, pareceria estranho chamar de tecnologia uma ferramenta antiga ou um antigo processo de fabricação de artefato pré-moderno, uma vez que (1) não possuem esta racionalização metódica da técnica que se verifica na ciência moderna e (2) não decorrem da artificialidade da experiência própria da ciência experimental.

Com a ciência moderna, a técnica se torna parte essencial para a produção do saber científico, pois, como já colocado, permite ampliar os sentidos humanos e possibilita a artificialidade da experiência. E parece que na obra de Bacon isso se mostra de maneira clara. Não apenas na passagem citada, em que a experimentação de compostos como venenos e remédios, bem como a realização de operações cirúrgicas, teriam como fundamento um saber científico que busca encontrar leis que regem os fenômenos, ainda que não sejam intermediadas pela técnica de maneira direta. Mas há outro trecho logo a seguir daquele que foi citado em que a técnica aparece de maneira muito clara em seu papel de manipulação e reprodução da natureza:

⁸ Na introdução à tradução do *Discurso do Método* [2018], Pablo Rubén Mariconda, afirmando que a obra de Descartes é o primeiro passo para o nascimento da tecnologia, irá defini-la no sentido de “entendida como racionalização científica (metódica) da técnica, para tornar efetivo o ato técnico de controle (domínio) da natureza (...)” [Mariconda, 2018, p. 11]. Guardando as devidas diferenças entre Bacon e Descartes, principalmente no que tange ao que entendem sobre natureza, este trabalho parte desta noção geral de tecnologia, entendendo-a como união entre ciência e técnica.

Descobrimos também diversos meios, ainda desconhecidos por vós, de produzir luz originariamente a partir de diferentes corpos. Adquirimos meios de ver objectos muito afastados no céu e em lugares remotos; e de apresentar as coisas próximas como se estivessem afastadas, e as coisas afastadas como se estivessem próximas, e de criar distâncias fictícias. Temos também auxílios para a vista, muito superiores aos óculos e lentes em uso. Temos também lentes e meios de ver perfeita e distintamente corpos pequenos e minúsculos; como as formas e cores de pequenas moscas e vermes, os grãos e falhas nas gemas, que de outro modo não poderiam ser vistos; assim como fazemos observações de elementos na urina e no sangue, de outro modo invisíveis. [Bacon, 2008b, p. 98]

A técnica cumpre um papel importante na *Nova Atlântida* [2008b], uma vez que concretiza o projeto baconiano: reproduzir e manipular os fenômenos da natureza. Em sua filosofia, Bacon entende que a natureza é um livro que precisa ser interpretado, ou seja, lido para ser conhecido. Neste sentido, a interpretação da natureza envolve um conhecimento de causas. O escrito incompleto *A Grande Instauração* [2008a] apresenta este projeto de maneira muito clara, indicando um olhar sobre a natureza diferente daquele que provinha da tradição: enquanto a antiga filosofia, em especial Aristóteles, entendia a natureza como sendo ordenada, harmônica e contendo uma teleologia, o que se manifestava em uma ciência que se construía em torno da identificação das causas finais das partes da natureza, a nova filosofia de Bacon expunha uma ciência que pretendia conhecer a causa eficiente, de maneira que se afastava de qualquer pretensão finalística da natureza.

Bacon possui a ambição de operar uma reforma em todo o conhecimento, se afastando, principalmente, do aristotelismo. O autor considerava que a tradição, em especial aquela que derivava dos peripatéticos, estava alicerçada em erros e especulações sem qualquer fruto. Primeiro, erros provenientes da mente, o que o levou a identificar em *The New Organon* [2002] os famosos ídolos, falsas noções que impediriam o acesso do sujeito cognoscente à verdade. Como consequência, o posterior processo de produção de conhecimento, o que envolve a aplicação do método, seria prejudicado. Em segundo, especulações do próprio método amplamente utilizado pela ciência pré-moderna, alicerçado na lógica dedutiva proveniente de Aristóteles. O silogismo, cujas premissas já estariam condicionadas pelos ídolos, levava a disputas e controvérsias, deixando de lado o conhecimento da natureza em favor de especulações infrutíferas que em nada agregavam para a ciência. No lugar disso, Bacon propunha uma lógica indutiva, fundamentada na experimentação, a fim de reunir a diversidade da experiência e decompô-la em partes, o que já foi longamente discutido aqui neste tópico. Esta indução, porém, seria diferente daquilo que a tradição sustentava.

Ora as ciências necessitam de uma forma de indução que analise a experiência e a decomponha em partes, e que, por meio de um processo metódico de exclusão e rejeição, seja levada a uma conclusão inevitável. E se esse modo vulgar de julgamento praticado pelos lógicos já era tão laborioso, e exercitava tão grandes gênios, então temos de estar preparados para desenvolver muito mais trabalho naquele outro modo de julgar que é extraído não só das profundezas da mente, mas das próprias entranhas da natureza. [Bacon, 2008a, p. 32]

Tendo em vista que a técnica se presta à realização do experimento, um instrumento que auxilia na indução, além de permitir a reprodução dos fenômenos da natureza, cabe reconhecer que ela é também instrumento de poder, o que se dá, igualmente, com toda a ciência. Por poder se entende a verticalidade que Weber propõe, ou seja, entendendo-o enquanto imposição da vontade de um indivíduo ou grupo sobre os demais em uma relação social, o que se concretiza na

legitimação da autoridade. Em *Nova Atlântida* [2008b] isso fica muito evidente quando o narrador, apresentando a Casa de Salomão, faz referência à capacidade de a técnica produzir ilusões – “Temos também casas para iludir os sentidos, onde dispomos de todo o tipo de actos de prestidigitação, falsas aparências, imposturas e ilusões; bem como as suas falácias” [Bacon, 2008b, p. 100]. Em razão do potencial danoso, os congregados da Casa de Salomão são limitados e proibidos em fazer uso das ilusões.

Por outro lado, é interessante notar a posição de destaque que a Casa de Salomão possui em Bensalém, revelando o poder que a técnica e a ciência possuem. De tempos em tempos, algum Pai da Casa de Salomão visita o governador e, no contexto em que ocorre o relato em *Nova Atlântida* [2008b], o leitor fica sem saber o motivo, pois ele é secreto. Também, ao final do texto, o Pai revela ao narrador que existem invenções e experiências que não podem ser reveladas nem mesmo ao Estado, com exceção de algumas a este último. Isso demonstra que Bacon tem consciência do quanto a ciência e a técnica (aparecendo aqui na figura das invenções) possuem uma função importante nas relações de poder.

Fazemos reuniões para deliberar sobre quais as invenções e experiências por nós descobertas que devem ser publicadas, e quais as que não devem; e quanto à ocultação das que consideramos conveniente manter secretas, prestamos um juramento de sigilo, apesar de por vezes revelarmos algumas destas ao Estado, e outras não. [Bacon, 2008b, p. 102]

Este ponto da obra permite articular toda a narrativa apresentada por Bacon ao conceito de utopia. Bensalém é o lugar do mundo que mais progrediu em termos de conhecimento, reunindo, inclusive, aquele que é proveniente de todas as outras regiões do globo. A construção social sugerida por Bacon propõe uma sociedade orientada pela ciência, ou seja, que ela seja o principal parâmetro para orientar o governo desta ilha – “por último, temos circuitos ou visitas às várias cidades principais do reino, onde, de tempos em tempos, publicamos as novas e proveitosas invenções que consideramos conveniente divulgar” [Bacon, 2008b, p. 103]. Isso se reflete no papel que a Casa de Salomão, este centro de pesquisa, teria ao realizar previsões – “E também declaramos as previsões naturais de doenças, pragas, enxames de criaturas prejudiciais, escassez, tempestades, terremotos, grandes inundações, cometas, clima do ano, e diversas outras coisas;” [Bacon, 2008b, p.104] – e propor orientações a populações e governos – “e fazemos recomendações quanto ao que as pessoas devem fazer para se prevenirem e remediar estas coisas.” [Bacon, 2008b, p. 104]. Em outras palavras, a Casa de Salomão cumpre um papel importante na formulação daquilo que se chama hoje de políticas públicas, ou seja, medidas de gestão das autoridades governamentais para solucionar problemas que atingem toda a coletividade.

Considerando o contexto histórico em que Bacon está inserido, a obra realiza uma crítica social (função esta de uma utopia), direcionando-se, principalmente, ao modo como a filosofia tradicional, em especial o aristotelismo e a própria teologia, se tornaram tão infrutíferas de modo a não agregarem para o bem comum. Em contraposição, Bacon cria a imagem ficcional desta sociedade em que a ciência já não está mais em posição secundária no espaço público, mas ela passa a ser protagonista através da aplicação do conhecimento em favor do bem comum. Esta perspectiva acompanha a tendência que surge com o humanismo, que realizou uma forte crítica à escolástica e ao aristotelismo, também por entendê-lo como perdido em especulações infrutíferas. O humanismo busca encontrar no conhecimento a função de desenvolver o talento dos indivíduos para a sua efetiva aplicação na vida civil, especialmente nas funções públicas. Na sociedade inglesa, isso apareceria no humanismo cristão de Thomas More e a sua famosa obra *Utopia* [2017], que criou o neologismo trabalhado aqui. Certamente, Bacon também valoriza a vida ativa. Porém, diferente dos humanistas, não pretende realizar qualquer retorno à

antiguidade clássica, mas deseja romper com a tradição, a fim de instaurar uma nova filosofia e um novo modelo para produzir ciência.

Não seria exagero afirmar que Bacon coloca o conhecimento científico e, como consequência, a técnica que auxilia a ciência experimental, como instrumentos da autoridade. Por isso elas são sinônimo de poder, uma vez que justificariam a imposição de uma vontade sobre as demais a partir de bases racionais em um conhecimento de causas.

É interessante refletir sobre este aspecto fazendo referência à época histórica em que Bacon está inserido. Tomando um recorte histórico de 1300 a 1800, em sua *História do Medo no Ocidente* [1989], Jean Delumeau indica a maneira como o medo moldou a sociedade europeia. Experiências traumáticas como as sucessivas epidemias e instabilidades político-sociais que se davam com o medo da fome, as guerras e as sedições criaram um ambiente que moldou a cultura e as instituições políticas, de modo que, fazendo referência a Michel Foucault, o historiador identifica neste início de modernidade o nascimento do biopoder.

Tendo isso presente, é válido observar que Bacon está propondo como a ciência e a técnica, podendo manipular e controlar a natureza, poderiam ser instrumentos na gestão de uma sociedade, contribuindo para o bem comum ao orientar a sociedade em como lidar com as contingências da natureza e os fenômenos que podem provocar a miséria. Bensalém é uma ilha em que todos vivem bem e, portanto, Bacon está colocando em questão uma sociedade marcada por injustiças que decorrem da ausência de aplicação do verdadeiro saber científico. Em outras palavras, Bacon está reivindicando que a nova ciência, junto com a técnica, sejam instrumentos nas relações de poder. Difere do *status quo*, que nega a pretensão de uma nova ciência ao favorecer a tradição, especialmente a aristotélica, que tem uma ciência infrutífera, que em nada contribui para o bem comum.

É preciso reforçar, por fim, que Bacon não apenas tem consciência do poder do conhecimento científico, mas também pensa na necessidade de existir certos limites. Na introdução à tradução para a língua portuguesa, Miguel Morgado observa que a Casa de Salomão é composta por especialistas que realizam experimentos, desenvolvem novos artifícios, ampliam o conhecimento, mas é dirigida pelos sábios. Na análise do tradutor, há uma submissão da ciência à filosofia. Deste ponto, recorda que no texto *A Sabedoria dos Antigos* [2002], Bacon analisa o mito de Dédalo quando identifica no personagem mitológico a sua capacidade de produzir tanto a morte quanto os benefícios para a vida. Destaca-se uma passagem: “De fato, as artes mecânicas costumam servir ao mesmo tempo para a cura e a doença e, pela maior parte, possuem o poder de desfazer seu próprio bruxedo.” [Bacon, 2002, p. 64]. Isso permite afirmar, segundo Morgado, que a ética, enquanto saber filosófico, é o limite para a técnica e a ciência não provocarem injustiça.

Bacon percebe o poder de vida e morte da técnica. E seria estranho se esta percepção não estivesse presente em sua *Nova Atlântida* [2008b]. Sempre válido recordar que sua utopia teria sido escrita por volta de 1623 ou 1624, e publicada em 1627, posterior à *Sabedoria dos Antigos* [2002], de 1609. Assim sendo, a estrutura da sociedade que ele vislumbra precisa encontrar meios para que a destruição que a ciência e a técnica são capazes de produzir não se instale, assim como ocorre com a figura de Dédalo. A submissão da técnica e da ciência à filosofia se justifica no fato de esta, podendo pensar a ética e a política, fornecer elementos fundamentais para o discernimento do melhor agir.

A técnica como ideologia

Seria a sociedade atual a Nova Atlântida de Bacon? De certa maneira, é inegável que o projeto baconiano de reforma do conhecimento e estabelecimento de novas bases para o saber se realizou de tal modo que ciência e técnica são instrumentos das instituições políticas. Além disso,

a pretensão de manipulação e reprodução dos fenômenos igualmente se fez possível através do conhecimento das causas e a aplicação das leis da natureza por meio da técnica, o que marcou o processo de desencantamento do mundo, ou seja, quando a natureza e seus fenômenos, vista a partir de uma perspectiva mágica e religiosa, passa a ser compreendida pelo viés racional da compreensão de suas leis. Aparatos e técnicas muito comuns dos tempos atuais, como o smartphone, a produção de energia elétrica ou a internet nada mais são do que o produto de uma domesticação da natureza, digamos assim, de maneira a reproduzir os seus fenômenos conforme a vontade e a necessidade humana.

Se, por um lado, a sociedade atual resulta do projeto baconiano, por outro a ampla difusão técnica atingiu dimensões que talvez nem Bacon teria imaginado o alcance. Aqui reside a diferença entre o mundo contemporâneo e o não-lugar idealizado por Bacon. Em *Nova Atlântida* [2008], a técnica encontra os seus limites na Casa de Salomão, se prestando muito mais às pesquisas que lá são realizadas, buscando facilitar e gerir a vida dos habitantes de Bensalém. Em contrapartida, a massificação da técnica no tempo presente traz aspectos positivos, como a facilitação da comunicação, mas também riscos muito sérios, como se vê com a difusão de notícias falsas ou a manipulação da opinião a partir do uso de dados, como o caso Cambridge Analytica revelou⁹.

É interessante considerar que a atual massificação da técnica insere a humanidade em um caminho tecnológico sem volta, a não ser que ocorra catástrofes ou hecatombes que retirem todos os meios para a produção tecnológica e leve a um esquecimento de todo o conhecimento produzido até então. Retirando esta hipótese, a tendência é o surgimento de novos artifícios e a popularização dos mesmos. Por causa disso, é possível observar posições que afirmam que o ser humano já estaria em vias de se inserir (se é que já não está inserido) em uma condição em que se mescla com a máquina. É o que se verifica nas correntes transumanistas, que apontam para este sentido. Tomaz Tadeu no texto *Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano* [2009] apresenta uma questão fundamental que instiga esta reflexão:

Pois uma das mais importantes questões de nosso tempo é justamente: onde termina o humano e onde começa a máquina? Ou, dada a ubiquidade das máquinas, a ordem não seria a inversa?: onde termina a máquina e onde começa o humano? Ou ainda, dada a geral promiscuidade entre o humano e a máquina, não seria o caso de se considerar ambas as perguntas simplesmente sem sentido? [Tadeu, 2009, p. 10 e 11]

A proposta transumanista talvez leve às últimas consequências o projeto vislumbrado por Bacon, uma vez que aposta no aperfeiçoamento humano através da fusão entre homem e técnica. O problema surge nas posições que chegam ao ponto de substituir a ética e a política pela técnica, acreditando que ela seria capaz de resolver todos os problemas humanos. É o que ocorre, por exemplo, com os transtropianos.

Suas origens estão ligadas ao Projeto Transtropiano, que pretendia criar um estado-nação numa flotilha ou ilha abandonada. Pretendia-se que, num ou noutro espaço, pudessem os interessados praticar o aborto, a eutanásia, a clonagem, a criogenia, cirurgias radicais, experimentos com drogas, procedimentos neo-eugenistas e outras práticas transgressivas, sem qualquer espécie de impedimento institucional. [Rüdiger, 2007, p. 11]

⁹ Em 2018, foi revelado que os dados pessoais de milhões de usuários foram coletados do Facebook e utilizados para a votação da saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit) e a eleição de Donald Trump. - Revealed: 50 million Facebook profiles harvested for Cambridge Analytica in major data breach. In. <https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/cambridge-analytica-facebook-influence-us-election>

Não é pretensão deste escrito fazer qualquer discussão com o transumanismo. A referência se dá como mera exemplificação para indicar que há, no âmbito da atual sociedade, apostas no tecnicismo, acreditando que a técnica pode substituir todas as experiências humanas, inclusive a ética e a política.

Como já salientado, a técnica ocupa uma posição importante no que tange ao poder. Esta realidade não está apenas na utopia baconiana, mas é facilmente verificável nas próprias relações que são estabelecidas no tempo presente. Seria plausível, então, trazer a seguinte reflexão: se a utopia baconiana coloca a técnica no campo das possibilidades laterais para exercer o poder, visando contestar um *status quo* já indicado no ponto anterior, isso significa que, no tempo presente, com a efetivação do projeto baconiano, a técnica seria instrumento nas relações de poder, o que significa que ela se torna *status quo*. Neste sentido, com as reflexões de Ricoeur, seria interessante estabelecer um problema. Se a mentalidade utópica cumpre o papel de fazer uma crítica ao *status quo*, acusando a ideologia de manter a ordem das coisas, isso significa que quando o pensamento utópico abala, de fato, a estrutura de poder e avança com o seu projeto, ele passa a ser a nova ordem estabelecida. Se converteria, então, a utopia em uma ideologia? Se assim for, no presente caso a técnica estaria na posição de ideologia? A questão pode avançar um pouco mais, uma vez que a própria ciência também cumpre um papel importante nas relações de poder. Seria ela, também, ideologia?

A discussão precisa ser enfrentada a partir do sistema de mascaramento da realidade que é próprio da mentalidade ideológica. Além disso, é preciso considerar que a ideologia diz respeito a um pensamento discrepante com a realidade que se reflete em posições e ações que um indivíduo adota no mundo. Deste modo, o problema precisa ser olhado em termos de como uma mentalidade se insere dentro destes critérios ou não.

Ora, quando a ciência e técnica pretendem substituir a política e a ética, é retirado todos os instrumentos possíveis para a reflexividade. Em outras palavras, elas se fecham a qualquer possibilidade de diálogo entre os indivíduos no domínio do espaço público, facilitando um sistema de distorção da realidade e manutenção do *status quo*. Basta recordar que, em seu caráter instrumental, elas não apenas se prestam à imposição de vontades, como têm o potencial de manipular emoções e mudar a percepção da realidade. Este é o debate, por exemplo, que a Escola de Frankfurt já está colocando ao problematizar a indústria cultural. No tempo presente, esta dinâmica pode ser percebida na própria massificação da internet e a divulgação de notícias falsas, criando um ambiente de confusão e de pouco diálogo. Assim sendo, o modo como a ciência e a técnica são utilizadas é capaz de até mesmo destruir o espaço público. De certa maneira, é este o cenário presente nas distopias apresentadas na introdução deste texto, permitindo, assim, considerar que, quando a ciência e a técnica cumprem um papel ideológico e destroem o espaço público, elas inserem a sociedade em uma condição distópica. Deste ponto, já seria plausível entender que, se a utopia questiona um determinado poder, a distopia se volta a um exercício do poder enquanto controle e uso da violência das mais diferentes formas¹⁰.

¹⁰ Caberá, aqui, recordar de autores como Habermas, que abordará o caráter ideológico da ciência e da técnica. O autor observa que uma das características da ideologia é a redução de todos os interesses sociais ao interesse técnico-instrumental, de modo que ciência e técnica justificam a redução do ser humano a uma figura unidimensional. Diferente de sociedades tradicionais, em que a legitimação da dominação se encontra na relação política, no sistema capitalista a legitimação está atrelada às relações de produção. Ora, o desenvolvimento do capitalismo tornou a ciência e a técnica como a primeira força produtiva, colocando-as em primeiro plano na consciência. Assim sendo, desenvolve-se uma percepção de que o progresso das mesmas seria autônomo e, por isso, qualquer tipo de desenvolvimento social dependeria deste progresso: a técnica e a ciência têm um poder prático de promover crescimento econômico e elevar a capacidade de consumo, criando a percepção de bem-estar que acompanha esta ideologia. É dentro desta lógica que a ideologia tecnocrática termina por não apenas legitimar a dominação de uma classe sobre a outra, como também reprime o desejo de emancipação da classe que é dominada, já que uma das consequências é a supressão do agir comunicativo em favor do agir instrumental em razão da colonização do mundo da vida no sistema econômico. Para o presente

Aqui o texto já se encontra maduro o suficiente para debater um aspecto que não fora tratado anteriormente. Ricoeur no artigo *Les Paradoxes de l'Autorité* [1995] sustenta que a autoridade, sim, exerce o comando a partir de uma violência residual, o que demarca um exercício do poder em seu eixo vertical. Porém, a autoridade, para ter durabilidade, necessita da horizontalidade do poder que ocorre pela articulação e diálogo dos indivíduos no espaço público. É este poder que autoriza a autoridade a exercer o comando e a sustenta. Isso significa que quando a ciência e a técnica se tornam instrumentos de manutenção do *status quo* e de imposição de vontades, a autoridade termina por se restringir à verticalidade do poder, de modo que a horizontalidade deixa de existir, restando apenas um estado de violência. Trata-se do fim do espaço público. Ainda que imponha a sua vontade, a autoridade se torna frágil. Experiências traumáticas revelam isso. O uso massivo da propaganda durante o nazismo demonstra este uso da técnica para distorcer a realidade e alimentar um sistema de violência que permitisse a imposição da vontade de um único grupo.

Importante destacar que a ciência e a técnica em si não são autoridades. A não ser que se imagine um contexto em que autômatos fujam completamente do controle humano e assumam o espaço de comando. Fora isso, elas são instrumentos da autoridade. Se, enquanto instrumentais, o viés ideológico é percebido quando se considera o sentido negativo de ideologia, o mesmo ocorre quando se evoca o sentido positivo. Afinal, elas mesmas são elementos de identidade entre os indivíduos de um grupo. Isso é de tal forma que se cria a ilusão de que fora do âmbito da tecnologia e de um desenvolvimento da mesma a partir da ciência experimental não há sociedade humana possível. Historicamente esta mentalidade se refletiu na noção de civilização e barbárie, sendo esta última vinculada a povos considerados tecnicamente atrasados, em um estado pré-industrial. Sob a falsa justificativa de se levar o progresso, povos originários foram e ainda são massacradas. Aliás, é em torno dos conceitos de civilização e barbárie que se constrói a crítica de Huxley em *Admirável Mundo Novo* [2001], citado na introdução, quando ele introduz como personagem o “Selvagem” e os choques culturais e violências que ele sofre no Mundo Novo.

É evidente, então, que uma mentalidade como a descrita acima, que coloca a técnica e a ciência no lugar da política e da ética, possui um caráter ideológico forte. E quando há a horizontalidade do poder se cruzando com a verticalidade, a técnica continuaria a cumprir um papel ideológico? Considerando o atual estado do capitalismo e partindo do sentido positivo de ideologia, seria plausível responder que sim. Ao criar uma identidade entre os grupos envolvidos na sociedade, o modo como a técnica é operada no mundo capitalista cria a imagem de que (1) não há sociedade humana possível fora dela e (2) sem a lógica do consumo de tecnologias. Há, então, uma aceitação das relações de dominação e manutenção do *status quo*.

Certamente, pelo fato de o poder se dar também em uma dimensão de horizontalidade, há no espaço público um diálogo que permite uma criticidade com relação à técnica e mesmo a identificação de seu papel ideológico. Não obstante, é preciso considerar que, no atual estado do capitalismo e as proporções que a técnica assume, (1) este diálogo não consegue escapar da intermediação da técnica e, (2) por mais que ele seja tomado de criticidade, o meio por onde ele ocorre termina por favorecer grupos dominantes.

Com o advento da inteligência artificial e a revolução da comunicação através da internet, este é o cenário que se verifica com as redes sociais, em que os dados pessoais assumem valor de mercado e são monetizados. Uma vez que os debates no espaço público não escapam da internet, isso significa que quanto mais interações eles provocam, maiores são os ganhos econômicos principalmente das Big Techs, ainda que os debates contenham um perfil reflexivo. É aqui que aparece o caráter ideológico da técnica mesmo quando há a horizontalidade do poder,

trabalho, ainda que Habermas não seja a referência teórica, o diálogo é pertinente, uma vez que o autor também está discutindo os impactos da tecnociência no espaço público e na democracia.

intensificado quando se leva em conta os algoritmos que condicionam as informações que chegam ao usuário. Surge, então, a pergunta: os diálogos e debates no espaço público são, de fato, livres no ambiente tecnológico no modelo de capitalismo atual? A pergunta aqui é muito mais uma provocação, uma vez que não é o objetivo deste escrito respondê-la. Porque, se assim for, estaríamos caminhando para o fim da horizontalidade do poder e, conseqüentemente, do espaço público.

Da mesma forma, a ciência e a técnica como ideologia, por estarem integradas a um modelo de pensamento que têm uma relação imaginária com a realidade, cria a crença de que é possível um controle humano sobre todos os fenômenos da realidade. Porém, a técnica consegue criar efeitos que fogem ao controle humano. Além dos exemplos citados na introdução, em que sistemas de inteligência artificial se direcionaram para alternativas não programadas, talvez a experiência do aquecimento global seja um excelente exemplo que revele esta ausência de controle humano. Com as mudanças climáticas, mais uma vez o ser humano é obrigado a se adaptar às determinações da natureza. Deste modo, a interpretação da natureza proposta pelo projeto baconiano talvez não atinja o seu fim de controlá-la, mas, no máximo, reproduzir artificialmente os seus fenômenos. Isso significa que a técnica possui um limite e este não é a vontade humana, como pretendia o projeto moderno, mas a própria natureza e os seus fenômenos.

Conclusão

Estas reflexões de modo nenhum podem conduzir a uma tecnofobia. É inegável que a ciência e a técnica produziram um bem-estar na sociedade. A experiência recente da epidemia de Covid-19 é indicativa disso. Igualmente, é graças à técnica que se ampliam as possibilidades de trocas: hoje é possível, por exemplo, ter acesso às produções culturais de diferentes países ou mesmo ao acervo bibliográfico de outras localidades, criando um ambiente de democratização do conhecimento. O esforço em identificar elementos ideológicos na ciência e na técnica tem em vista rejeitar qualquer pretensão de elas substituírem a ética e a política. É preciso garantir uma ampla participação dos indivíduos no espaço público, de modo que a multiplicidade de diferentes modos de ser possam coexistir. Em outras palavras, trata-se de encontrar outras maneiras de lidar com a técnica, debatendo o atual modelo de capitalismo e o modo como ele pode colocar em risco o espaço público.

Um retorno à utopia baconiana permite encontrar os próprios limites do projeto de Bacon. Ainda que este estudo se encontre em uma fase inicial, já permite perceber que a utopia pensada pelo autor inglês se converte em ideologia, de modo que os limites de sua filosofia aparecem naquilo que se dá como elemento ideológico: a crença em um controle da natureza conforme a vontade humana a partir da ciência e da técnica é um aspecto imaginário tanto em sua utopia, quanto na ideologia na qual ela se converte. O controle ocorre, sim, de grupos dominantes ou que exercem o comando sobre os diferentes indivíduos inseridos em uma sociedade. Por este motivo, a ciência e a técnica possuem um papel importante nas relações de poder e elas também são ideológicas na manutenção de um *status quo* de dominação. Assim, é necessário pensar a técnica como instrumento que potencialize um exercício de poder em sua horizontalidade, aceitando, inclusive, outras maneiras de existir no mundo que estejam fora dos parâmetros da tecnologia tal qual se dá a partir da ciência experimental.

Referências

- BACON, Francis. *A Grande Instauração*. In. *Nova Atlântida e a Grande Instauração*. Trad. Miguel Morgado. Lisboa: Edições 70, 2008a, p. 27 – 45.
- BACON, Francis. *A Sabedoria dos Antigos*. Trad. Gilson César Cardozo de Souza. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- BACON, Francis. *Nova Atlântida*. In *Nova Atlântida e a Grande Instauração*. Trad. Miguel Morgado. Lisboa: Edições 70, 2008b, p. 46 – 104.
- BACON, Francis. *The New Organon*. Trad. Michael Silverthorne. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- FARIA, Ágatha. *CRISPR/CAS9: edição do DNA e o tratamento de doenças*. Disponível em <https://blog.mendelics.com.br/crispr-cas9-edicao-do-dna-e-o-tratamento-de-doencas/>, acessado em 16/06/2023
- GLOBO. *Drone Comandado Por Inteligência Artificial Mata Operador Durante Simulação nos EUA*. O Globo. 2/06/2023. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/06/drone-comandado-por-inteligencia-artificial-mata-operador-durante-simulacao-nos-eua.ghtml>>, acessado em 15/06/2023 às 22h30.
- HABERMAS, Jürgen. *Técnica e Ciência como “Ideologia”*. Trad. Artur Morão. 2ª ed. Lisboa: Edições 70, 2006
- HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo Novo*. Trad. Vidal de Oliveira. São Paulo: editora Globo, 2001.
- KUHN, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 9ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- MANNHEIM. Karl. *Ideologia e Utopia*. Trad. Sérgio Magalhães Santeiro. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- MARICONDA, Pablo Rubén. *Ciência e técnica em Discurso do Método & Ensaio de Descartes*. In. DESCARTES, René. *Discurso do Método & Ensaio*. Org. Pablo Rubén Mariconda. Trad. César Augusto Batisti, Érico Andrade, Guilherme Rodrigues Neto, Marisa Carneiro de Oliveira Franco Donatelli, Pablo Rubén Miraconda, Pablo Tadeu da Silva. – São Paulo: Editora Unesp, 2018
- MORE, Thomas. *Utopia*. Trad. Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- RFI. *Inteligência artificial é suspeita de ter incentivado homem a cometer suicídio na Bélgica*. Radio France Internationale. 31/03/2023. Disponível em < <https://www.rfi.fr/br/europa/20230331-intelig%C3%A2ncia-artificial-%C3%A9-suspeita-de-ter-incentivado-homem-a-cometer-suic%C3%ADdio-na-b%C3%A9lgica> >, acessado em 15/06/2023 às 22h48
- RICOEUR, Paul. *Cinco Lições: da linguagem à imagem*. Trad. Vinícius Sanfelice e Marcelo Fabri. In: *Sapere Aude*, v.4, n° 8, p.13 – 36, 2º sem. 2013.
- RICOEUR, Paul. *A Ideologia e a Utopia*. Trad. Silvio Rosa Filho e Thiago Martins. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- RICOEUR, Paul. *Ideology and Utopia as Cultural Imagination*. *Philosophic Exchange*, v 7, n° 1, article 5, p. 17 – 28, 1976
- RICOEUR, Paul. *Les Paradoxes de l’Autorité*. In. *Philosophie: Bulletin de Liaison des Professeurs de Philosophie de l’Académie de Versailles*, n° 7, février 1995, p. 6 – 12
- ROSSI, Paolo. *A Ciência e a Filosofia dos Modernos: aspectos da Revolução Científica*. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Unesp. 1992
- RÜDIGER, Francisco. *Breve história do pós-humanismo: Elementos de genealogia e criticismo*. In. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*. v. 8, n. 1. abril de 2007, disponível em <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/145>, acesso em 2 jul. 2023
- RUYER, Raymond. *L’utopie et les Utopies*. Paris: Presses Universitaires de France, 1950.

TADEU, Tomaz. *Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano* (2009). In. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Org. e Trad. Tomaz Tadeu. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 9 – 15.

THE GUARDIAN. *Revealed: 50 million Facebook profiles harvested for Cambridge Analytica in major data breach*. The Guardian. Londres: 17/03/2018. Disponível em <https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/cambridge-analytica-facebook-influence-us-election>, acessado em 07/07/2023 às 14h12

THE GUARDIAN. *US air force denies running simulation in which AI drone 'killed' operator*. The Guardian. Londres: 2/06/2023. Disponível em <<https://www.theguardian.com/us-news/2023/jun/01/us-military-drone-ai-killed-operator-simulated-test>>, acessado em 15/06/2023 às 22h35.

Autor(a) para correspondência / Corresponding author: Hugo Estevam Moraes de Sousa. hestevam@gmail.com